

# ANA LUÍSA AMARAL

Ana Luísa Amaral nasceu em Lisboa no dia 5 de Abril de 1956. É professora de estudos anglo-americanos da Faculdade de Letras do Porto, e tem um doutoramento em Emily Dickinson.



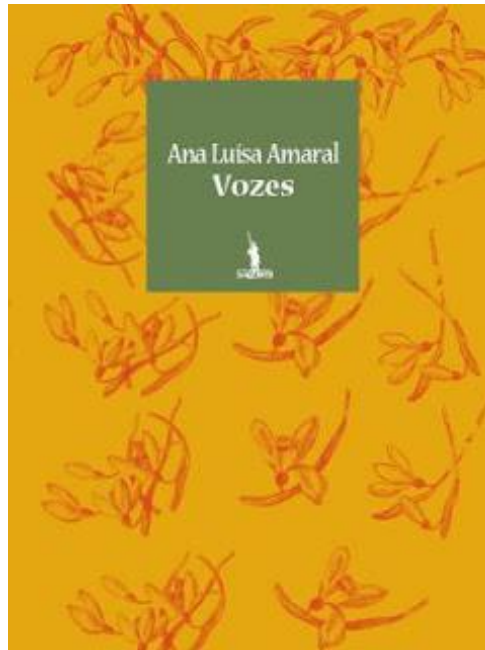
As suas áreas de interesse são a literatura inglesa e norte-americana, a literatura comparada e os estudos feministas. O feminismo e a luta pela igualdade de género são bastante visíveis nos seus poemas, quando esta invoca a filha (o que é muito usual), pretendendo com isso que a fantasia, o amor e os sonhos sejam superiores ao estereótipo da mulher e do seu papel social. Ana Amaral tem como característica usar nos seus poemas situações do quotidiano e, considera que a criação dos poemas é uma mistura de prazer e de angústia.

O seu vocabulário é simples, mas, no entanto, complexo, não necessariamente devido as palavras que usa, mas sim pela sintaxe invulgar e por alguns significados subentendidos e com duplo sentido.

A autora inspira-se também na escrita da literatura clássica como a de Camões, Fernando Pessoa e Petrarca, mas em tantos outros mais.

De forma a analisarmos a escrita e o estilo desta escritora, escolhemos focar-nos em alguns poemas do seu livro "Vozes", de 2011.

"Vozes" é estruturado como um longo intervalo entre dois poemas, um que carrega o título do livro, que encerra o volume, e outro chamado "silêncios", entre eles há 6 seções, intituladas "A impossível sarça", "Breve exercício em três vozes", "Trovas de memória", "Escrito à régua", "Outras rotações" e "Outras vozes". O poema "Biografia" (presente na secção "A impossível sarça"), o poema "Inês e Pedro: quarenta anos depois" (presente na secção "Trovas de memória"), e por último o poema "Dores provocadas" (na secção "Escrito à régua"), que foram os escolhidos que analisámos e interpretámos e damos aqui a conhecer.



## "BIOGRAFIA"

*" Ah quando eu escrevia  
De beijos que não tinha  
E cebolas em quase perfeição!*

*Os beijos que eu não tinha:  
Subentendidos, debaixo  
Das cebolas*

*(mas hoje penso  
Que, se não fossem  
Os beijos que eu não tinha,  
Não havia poema)*

*Depois, quando os já tinha,  
De vez em quando  
Cumpria uma cebola:*

*Pérola rara, diamante*

*Em sangue e riso,*

*Subentendido de razão*

*Agora, sem contar:*

*Beijo ou cebolas? "*

No poema "Biografia", Ana Luísa Amaral fala sobre cebolas e beijos, deixando sempre uma questão pertinente ao leitor - o que seriam as cebolas e o que ela quis dizer com isso?

Segundo a autora, em uma entrevista, as cebolas seriam as várias camadas de que o mundo é feito, e de que uma pessoa se compõe, ou seja, suas relações, seus sentimentos, seu meio, etc. Por exemplo: Se cortarmos uma cebola ao meio, veremos que ela possui diversas camadas. As camadas mais ao centro, ou "mais profundas" são os sentimentos mais profundos de uma pessoa, coisas que só ela mesma sabe, e as outras seriam aquilo que deixamos expostos ao nosso meio social.

O poema elabora uma ideia de que quanto menos vida amorosa, mais poesia. Porém, o "ponto" ideal seria um meio termo entre os dois. No fim do poema, a poetisa deixa uma questão: "Agora sem contar, beijo ou cebolas?" A autora quis dizer que, ou escolhe ter vida amorosa ou escolhe não ter, o que mais lembra um paradoxo. Pois, se com muito amor não há poesia e com muita poesia não há amor, porque viver num dilema sobre o que escolher ao invés de juntar o que os dois possuem de melhor a oferecer?

## **"INÊS E PEDRO: QUARENTA ANOS DEPOIS"**

*" É tarde. Inês é velha.*

*Os joanetes de Pedro não o deixam caçar  
e passa o dia todo em solene toada:*

*«Mulher que eu tanto amei, o javali é duro!*

*Já não há javalis decentes na coutada  
e tu perdeste aquela forma ardente de temperar  
os grelhados!»*

*Mas isto Inês nem ouve:*

*não só o aparelho está mal sintonizado,  
mas também vasto é o sono  
e o tricot de palavras do marido  
escorrega-lhe, dolente, dos joelhos  
que outrora eram delícias,  
mas que agora  
uma artrose tornou tão reticentes.*

*Inês é velha, hélas,  
e Pedro tem caibras no tornozelo esquerdo.  
E aquela fantasia peregrina  
que o assaltava, em novo  
(quando as chama era alta e o calor  
ondeava no seu peito),  
de ver Inês em esquife,  
de ver as suas mãos beijadas por patifes  
que a haviam tão vilmente apunhalado:  
fantasia somente,  
fulgor que ele bem sabe ser doença  
de imaginação.*

*O seu desejo agora  
era um bom bife  
de javali macio  
(e ausente desse horror de derreter  
neurónios).  
Mais sábia e precavida (sem três dentes  
da frente),  
Inês come, em sossego,  
uma papa de aveia. "*

No poema "Inês e Pedro: Quarenta anos depois", Ana Luísa Amaral retrata o amor proibido de um dos casais mais conhecidos por todos nós.

Localizados num tempo onde já são ambos de uma certa idade, a poeta transmite-nos a mensagem de cansaço, mencionando os joanetes de Pedro e a fraca audição de Inês, devido à velhice de ambos. No entanto, isto pode também ser o indicador do desgaste do amor entre os dois. No poema, não conseguimos identificar o intrínseco amor ardente vivido pelo casal e que lhes foi atribuído, e foca-se nos problemas e nas queixas de cada um, como se o sentimento mútuo se tivesse desvanecido.

A beleza da juventude e a paixão sofreram as suas transformações. Inês já não tem os dentes da frente e Pedro tem cãibras. Isto pode ser uma crítica ao desgaste numa relação, onde os parceiros já acomodados um com um outro já não se esforçam para agradar os parceiros, e descuidam-se até com eles próprios.

Pedro refere:

*"Mulher que eu tanto amei, o javali é duro!*

*Já não há javalis decentes na coutada*

*e tu perdeste aquela forma ardente de temperar os grelhados!"*

É notável o descuido, mesmo que não seja intencional e seja um simples resultado da evolução dos tempos. Inês simplesmente come as suas papas de aveia, calma e conformada, enquanto Pedro deseja por um bife de javali.

Talvez seja uma representação de duas perspectivas sobre o assunto: enquanto que Pedro assume uma posição nostálgica e deseja voltar aos tempos antigos, Inês conforma-se com a nova realidade, aceitando a vida e a relação como ela é, e que o amor se desgasta ao longo dos anos.

## **"DORES PROVOCADAS":**

*" Há horas em que me sabe bem*

*Sentir-me mal:*

*É então que se dá enorme tempo*

*De lembrar coisas de sofrer*

*Um sentimento tão racional e provocado*

*Que, não fora alguma lágrima,*

*Nem sentimento seria*

*É esse sentir bem por mal sentir,*

*Ficar doente de paixão por uma hora,*

*E na hora seguinte adiantar trabalho,*

*Como quem adianta jantar,*

*Relógio, morte*

*Mas é hora maior*

*Feita de susto e nojo:*

*Atrasar-me de amor;*

*Juízo a todo o custo*

*Em desgoverno*

*O que eu não tenho*

*(ou tudo): diário*

*Surdo e cego:*

*E mais:*

*Imperfeição "*

"Dores provocadas" aborda a questão da penitência e do remorso.

A autora começa logo a relatar que sente a necessidade de invocar pensamentos/lembranças negativas, porque apesar de lhe trazerem sofrimento, relata que sente uma satisfação ao fazê-lo. Sente essa satisfação porque quando se sente mais triste, é também quando se sente mais inspirada para escrever. Como relatou a autora numa entrevista, onde lhe perguntaram se a felicidade amorosa a inspirava, esta disse: " Quando se está num estado de paixão assolapada, devastadora, a poesia surge como um excesso, uma excrescência. Não é talvez tão necessária. Acho que a poesia preenche falhas."

Esta procede a continuação do poema, afirmando que esse sentimento de tristeza/dor é tão provocado e propositado que quase nem um sentimento pode ser, só o é porque essa tristeza lhe provoca lágrimas.

A poeta diz ainda: " *Ficar doente de paixão durante uma hora e na hora seguinte adiantar trabalho como quem adiante jantar, relógio, morte.*"

Pretende reforçar a ideia que o sofrimento alimenta a sua escrita, e o uso de uma tarefa do quotidiano, ou seja, o jantar, e a comparação depois com o relógio e a morte, é usada para mostrar a tristeza que esta sente, e a fluidez com que os seus pensamentos negativos surgem, chegando ao ponto em que só pensa em situações obscuras, como o tempo a passar e a morte a chegar.

Já quase na conclusão do poema, Ana refere que o pior é atrasar o seu sofrimento com o amor, pois o amor não lhe traz inspiração e atrasa o seu trabalho. Concluindo, na última estrofe, a poetisa pretende transmitir a mensagem de que, quando alguém se

sente desnorteado, deve guiar-se pelo juízo e pelo raciocínio, mesmo que este cause sofrimento ou angústia, do que pelo amor ou pela paixão.

## APRECIÇÃO CRÍTICA

A análise e a leitura destes três poemas proporcionaram-nos um conhecimento mais profundo sobre esta escritora de renome, que não tem o seu destaque merecido na comunidade portuguesa, mas sim nos países para lá das nossas fronteiras.

Como um grupo, foi-nos ligeiramente difícil obter informações sobre obras ou dados relacionados com Ana Luísa Amaral, mas que, no fim, valeu a pena.

Fomos surpreendidos com temáticas abordadas nos seus poemas, que nos suscitaram o interesse e fizeram-nos questionar o porquê de não serem destacadas, como os livros infantis, também da autoria da poetisa, que têm maior visibilidade em território português. Talvez isto se deva à explicação incompleta do conteúdo dos seus poemas, e a sua sintaxe invulgar, que nos deixa algo confusos sobre o significado ou a mensagem que pretende transmitir com as suas obras.

Ana Luísa deixa ao nosso critério a interpretação da sua escrita, permitindo que vários significados sejam atribuídos aos seus poemas.

Tendo escolhido estes poemas, conseguimos observar a diversidade do seu trabalho: os temas sentimentais, os papéis sociais de cada um na sociedade e a crítica a tal característica, e também a cultura portuguesa ao mencionar um dos amores proibidos mais reconhecidos.

Com base em tão poucos poemas, podemos já ver a qualidade literária do seu livro "Versos", que interessou bastante a qualquer um que pertenceu a este trabalho, sendo que também tivemos a oportunidade de tê-lo em mãos e ler outros poemas também. O livro é bom por isso mesmo, dá sempre vontade de ler mais e ver se o próximo poema nos toca tanto como o anterior, se nos confunde como os outros, estranhando-os de início e mais tarde convertendo-nos a ter uma perspectiva mais positiva e curiosa sobre o próximo.

Sentimos esta autora como uma lufada de ar fresco na literatura portuguesa, sendo genuína na sua escrita e na expressão das suas ideias e emoções, sem se preocupar com a interpretação por parte de um público e das suas conseqüentes críticas. Primeiro estranha-se, depois entranha-se e recomenda-se!

Cátia Baião

Mara Paias

Vinicius Santos

12ºE

